

Jazz

23 de maio 2012

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

Trespass Trio + Joe McPhee

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofones alto e barítono Martin Küchen
Contrabaixo Per Zanussi
Bateria Raymond Strid
Saxofone tenor e trompete Joe McPhee



É uma surpresa (e ainda por cima particularmente agradável) ouvir o Trespass Trio na companhia de uma figura tão essencial para a história da improvisação com matriz jazz quanto foi, e continua a ser, Joe McPhee. Ou talvez não seja tão surpreendente assim, pois este encontro mais cedo ou mais tarde teria de ocorrer. Afinal, tanto o trompetista e saxofonista norte-americano como os elementos do grupo sueco, Martin Küchen, Per Zanussi e Raymond Strid, partilham uma semelhante atitude na sua relação com o jazz: adoptam as suas coordenadas, mas afastam-se destas, sem hesitações, sempre que a criatividade os apela a outros desenlaces. Os três músicos nórdicos seguem o exemplo de McPhee em *Nation Time*, disco dos tempos do *black power* em que reconhecemos o balanceamento do *funk*, bem como os envoltórios do seu convidado com a música eletroacústica de Pauline Oliveros e com o *noise* da anarquista Nihilist Spasm Band.

«O que fazemos é jazz, sem dúvida, dado o instrumentário tradicional, dadas as nossas experiências passadas nessa área e muito mais, mas ao mesmo tempo... não é jazz. Será jazz do deserto? Jazz dos lagos da Suécia? Não sei, mas sei que por vezes tocamos *free bop*, uma mistura de *free jazz* e *bebop*. Fui suficientemente claro? Espero que não», afirma Küchen, rindo-se.

O trio de saxofone, contrabaixo e bateria tem a sua origem no *hard bop* e em Sonny Rollins, tendo-se tornado um modelo na subsequente *new thing*. A própria escolha deste formato liga o Trespass Trio a tal linhagem – a de Joe

McPhee, precisamente –, mas o certo é que esta é tão confirmada quanto desmentida. Não da mesma forma que caracteriza o outro grande projeto de Martin Küchen, Angles, no qual nos deparamos com influências africanas, especialmente as que apreendeu numa frutuosa estadia na Guiné-Conakry.

O esclarecimento: «As últimas peças que compus para o Trespass Trio inspiram-se no folclore sueco e no canto da Argélia, apenas surgindo vagos ritmos de África. Podem igualmente ouvir-se uns ecos do Leste europeu. As duas formações são complementares. Há fragmentos de melodia que surgem em qualquer contexto em que eu esteja. Nem sempre, mas é frequente. E o que improvisado é o que é e aquilo que sou, independentemente das situações.»

Aliás, cada vez mais é assim com este homem para quem tocar é um ato de urgência. Se Küchen se tem dividido entre a prática do jazz e uma dedicação desalinhada em termos idiomáticos, e se até recentemente aplicava as suas técnicas extensivas para o manejo dos saxofones (sobretudo o alto e o barítono, mas também o soprano e o tenor) nas suas incursões pelos territórios da improvisação livre e exploratória (caso dos álbuns *Homo Sacer* e *AT 37*), a verdade é que os seus procedimentos e o seu vocabulário estão a tornar-se unitários. «Até há pouco não tinha encontrado um lugar para as “extensões” nas músicas do Trespass Trio e dos Angles, mas isso está a mudar», esclarece.

As diferenças entre os dois âmbitos de ação estão, portanto, a esbater-se. «Trata-se, sobretudo, de uma questão de

Qua 23 de maio
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h10 · M12

dinâmicas. Tenho sentido a necessidade de tocar melodias mesmo no meu jogo “não-idiomático”. As melodias parecem tornar as dinâmicas mais espessas e fazem-no muito depressa, mais do que os padrões rítmicos repetitivos. Talvez seja por isso, o que quer dizer que não é uma escolha pessoal, mas a resposta ao que a música, ou o som, me pede. Que tenha em conta a melodia e que seja cuidadoso com a sua colocação.»

A associação com Joe McPhee torna-se, pois, um desafio. Para ambas as partes: «Porque é que o convidámos? Nem me lembro do dia em que, pura e simplesmente, a sua “persona” e o seu nome estavam ali, no meio de nós. Porque já acontecia de alguma maneira antes, tenho a certeza de que a contribuição do Joe se fará sentir imensamente na música que apresentaremos em Portugal e que este será um momento muito especial para o Trespass Trio. Tanto assim que o nosso encontro em quarteto vai ser gravado, para futura edição pela Clean Feed.»

Um aspeto em comum com o multi-instrumentista residente em Woodstock é o engajamento político de Martin Küchen, patente, por exemplo, no último disco do Trespass Trio, “...was there to illuminate the night sky...”, alusão às bombas de fósforo utilizadas pelos EUA no Iraque. «Não é que eu tenha a veleidade de achar que a música pode mudar o mundo. O que ambiciono é que o mundo tenha a possibilidade de ser autêntico. Confronto as distorções à verdade consoante me vou deparando com elas. Assistimos a campanhas de desinformação massivas e a horríveis

encobrimentos de negócios sujos, o que vem acontecendo desde há muito, muito tempo.»

Küchen não se considera, propriamente, um ativista, mas a sua responsabilidade cívica enquanto artista tem-no levado a exprimir publicamente considerações muitas vezes polémicas, tanto pelo conteúdo como pela agressividade do protesto. «Os 45 anos que tenho a viver na Suécia foram de permanentes lavagens ao cérebro, mas estou a libertar-me desse condicionamento. Já não chega ser um “esquerdista bem-intencionado”, até porque a esquerda passou por uma grande deceção, o marxismo. Precisamos de encontrar novas ferramentas para continuarmos espiritualmente vivos. O que eu faço é muito limitado, não passando de uns *posts* no Facebook e de umas *liner notes* nos meus discos, mas sinto essa obrigação.»

As críticas do músico a Israel têm tido tanto mais impacto em quem as lê e ouve porquanto Küchen é de origem familiar judia, emigrada da Alemanha. «Antisemitismo? A política do Estado israelita é que é antissemita! A própria expressão utilizada contra mim é um contrassenso. Seria o mesmo que chamar “antieuropéu” a um dinamarquês crítico das políticas da União Europeia. Um dinamarquês é um europeu. A minha avó era judia, mas isso só se tornou uma questão para a sua completamente assimilada família com a ascensão do nazismo e do sionismo. Os seus irmãos tiveram de se exilar e ela de se esconder, para evitar a deportação. O meu pai esteve na Wehrmacht,

na Frente Oriental, e quase foi deportado para a União Soviética no final da guerra. Toda a família do lado dele era pró-Israel. Uma irmã da minha avó foi voluntariamente para a parte Leste da Alemanha e gozou os privilégios dados aos membros do Partido Comunista até ao fim da vida...»

«Segundo a lei ortodoxa rabínica eu não sou judeu, pelo facto de a minha mãe não ser, mas segundo a lei secular de Israel posso clamar pela Aliya, ou seja, pedir passaporte israelita. Na Alemanha dos anos 1930, tanto os nazis como os sionistas tinham interesse na segregação dos dois grupos raciais. Este é um tema muito complicado, e muito atual ainda», acrescenta Martin Küchen.

A mentira que, segundo o líder do Trespass Trio, nos rodeia é deste modo por si entendida: «O problema maior está no *media* e no facto de as massas acreditarem no que estes apregoam, ignorando, ou esquecendo-se, que os mesmos são controlados por quem está interessado em fazer passar determinadas mensagens, designadamente governos, partidos, grupos financeiros e corporações empresariais. Questioná-las implica o risco de as pessoas serem ridicularizadas nos seus meios sociais, pelo que é mais fácil aceitar tudo acriticamente.»

Ora, a música do Trespass Trio e de Joe McPhee é uma das formas com que o inconformismo ainda se vai culturalmente manifestando por estes dias... «Vivemos num meta-mundo com um único sistema de pensamento e com um único inimigo – este pode ter muitas cabeças, como a Hidra, mas é um

apenas. O chefe da segurança interna dos Estados Unidos disse recentemente que questionar a história oficial do 9/11 estará em breve ao mesmo nível que duvidar da narrativa do Holocausto, isto é, será considerado delito de opinião. Nesta conjuntura, compreende-se porque é que os artistas deixaram de ser “militantes”. Desde pelo menos os anos 1920 que éramos vistos como “radicais”, como “rebeldes”, mas depois surgiu a década de 90, com a falência das ideologias e a generalizada desilusão. Como é possível, hoje, acreditar ainda no comunismo? Mesmo que os artistas finjam que não, a verdade é que baixaram os braços, e isso eu não aceito.»

Para todos os efeitos, não é só na Internet e em texto que Martin Küchen faz ouvir a sua voz. Aquilo que pensa e sente é aquilo que toca, e por isso os seus saxofones fazem soar a raiva e a angústia próprias desta época de interrogações e incertezas...

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Martin Küchen

saxofones alto e barítono

Nascido em 1966 em Eskilstuna, na Suécia, é uma das personalidades de maior relevo nas cenas europeias do jazz e da música livremente improvisada, neste âmbito tendo desenvolvido técnicas muito próprias para, sobretudo, o saxofone alto. Improvisador nato, não deixou de desenvolver um percurso enquanto compositor, com peças destinadas ao teatro, ao cinema, à dança, ao instalacionismo e ao acompanhamento de recitais de poesia.

Além do Trespass Trio, dirige os grupos Angles e Exploding Customer. Tem tocado com músicos como David Stackenas, Nikos Veliotis, Ingar Zach, Tony Wren, Herman Muntzing, Phil Minton, Mark Sanders, Burkhard Beins, Andrea Neumann, Luc Houtkamp e Joe Williamson, entre muitos outros. Uma visita à Guiné-Conakry levou-o a estudar a música local, e sobretudo a dos distritos mineiros daquele país africano. Figura polémica, ocupa uma boa parte do seu tempo a denunciar as políticas de Israel e dos EUA, defendendo as aspirações palestínias.

Para mais informações:
www.martinkuchen.com

Per Zanussi

contrabaixo

De pai italiano e mãe norueguesa, nasceu em 1977 em Stavanger, na Noruega. Começou a tocar baixo elétrico aos 13 anos de idade, participando em várias bandas rock. Quando

descobriu o jazz, trocou o seu instrumento pelo contrabaixo. Estudou no Conservatório de Trondheim e na Academia de Música Norueguesa, em Oslo. Em 1996, cofundou o grupo Wibutee, que se destacava por ter uma forte componente eletrónica. Data de 2001 o seu mais duradouro projeto, os Zanussi 5.

Além de compor para teatro e dança, é membro dos MZN3 e da Crimetime Orchestra. Colaborou com músicos escandinavos como Arve Henriksen, Frode Gjerstad, Bugge Wesseltoft, Sten Sandell, Mats Gustafsson, Sten Ake Holmlander, Kjetil Møster, Ivar Grydeland e Havarð Wiik, bem como com Bobby Bradford, Louis Moholo-Moholo, Sabir Mateen, Stephen O'Malley, Axel Dorner, Fred Lonberg-Holm, Terrie Ex e outros tantos.

Para mais informações:
www.perzanussi.com

Raymond Strid

bateria

Nasceu na cidade de Estocolmo em 1956 e começou a tocar bateria como autodidata, inspirado pelo trabalho de Han Bennink, Paul Lytton e Tony Oxley. Em 1988, formou com Mats Gustafsson e Sten Sandell o seminal trio Gush. Integra os grupos LSB e The Electrics e é membro da Barry Guy New Orchestra, partilhando outros projetos com Marilyn Crispell, Evan Parker e John Butcher, para só referir alguns.

É um grande apreciador de ópera, mas movimentava-se nas áreas do *free jazz* e da música livremente improvisada, em

muitos casos combinando elementos de ambas. Quando não está na estrada, ensina metodologia e estética da improvisação. Embora seja um exímio ritmista, aprecia particularmente um trabalho percussivo feito de pequenos detalhes, com o propósito de «clarificar a essência da música».

Joe McPhee

saxofone tenor e trompete

Proveniente de Miami, onde nasceu em 1939, começou a tocar trompete com a idade de 8 anos. Essa aprendizagem passou pela escola e pelo exército, tendo feito o serviço militar na Alemanha. A sua primeira aparição em disco data de 1969 (gravação realizada em 1967) no grupo Freedom and Unity de Clifford Thornton. Começou a tocar saxofone em 1968 e desde então tem-se dedicado igualmente a outros instrumentos, como o clarinete, o trombone (herdou o de Thornton) e o piano. As suas intervenções musicais não se têm limitado ao campo do *free jazz*: entrou nos domínios da música eletroacústica com Pauline Oliveros e o projeto Deep Listening e até nos da *noise music* com a Nihilist Spasm Band. Com The Thing e Cato Salsa Experience chegou a interpretar o autêntico hino dos Led Zeppelin que é *Whole Lotta Love*.

Os seus primeiros discos enquanto líder refletiram particularmente a atmosfera revolucionária vivida entre os finais da década de 1960 e os primeiros anos da de 70. No cruzamento da *new thing* com o *funk*, o seu *Nation Time* foi uma homenagem ao poeta marxista

Amiri Baraka. A editora suíça Hat Hut foi fundada por Werner Uehlinger com o propósito inicial de publicar os seus discos e aí, de facto, saíram muitos dos mais importantes trabalhos deste incansável militante da liberdade. Pertence ao Peter Brotzmann Chicago Tentet e dirige um trio com Dominic Duval e Jay Rosen.

Para mais informações:
www.joemcpee.com



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



The Quiet Volume

O Volume Sossegado
de Ant Hampton e Tim Etchells
Espectáculo integrado
no alkantara festival

Teatro de qui 24 maio a sáb 9 junho

Biblioteca Nacional · Sessões de 20 em

20 minutos · Duração: 50 minutos

Seg a Sex: 14h-19h · Sáb: 14h-17h · M12

Não há sessões aos domingos e feriados.



Encomenda e produção Ciudades Paralelas (coprodução HAU e Schauspielhaus Zürich em colaboração com Goethe-Institut Warschau, Teatr Nowy e fundação Teatr Nowy; financiamento de Kulturstiftung des Bundes, Pro Helvetia e Goethe Institut de Buenos Aires)

Coprodução Kunstencentrum Vooruit **Produção artística** Katja Timmerberg **Coprodução da versão portuguesa** Culturgest **Estreia** Ciudades Paralelas, outubro de 2010, Berlim

The Quiet Volume é um espetáculo sussurrado, autogerado e “automático” (Autoteatro) para duas pessoas de cada vez, explorando a tensão particular que se encontra em qualquer biblioteca; uma combinação de silêncio e concentração dentro da qual se desenrolam experiências de leitura diferentes para cada um.

Dois espectadores/participantes sentam-se lado a lado. Recebendo deixas

de palavras escritas ou sussurradas, dão por si a abrir um caminho improvável por entre uma pilha de livros. A peça expõe a magia estranha que está no centro da experiência de leitura, deixando que os mecanismos que julgamos internos se debrucem sobre o espaço envolvente, abrindo porosidades entre a esfera de um e outro leitor.

O espetáculo estreou no festival Ciudades Paralelas (comissariado por Stefan Kaegi e Lola Arias) e tem passado por cidades como Berlim, Buenos Aires, Varsóvia, Zurique e Londres.

Inicialmente com a companhia Rotozaza (que já passou pelo festival Escrita na Paisagem e pelo festival X), Ant Hampton tem-se especializado em propostas de Autoteatro. Tim Etchells, cujo trabalho tem sido presença regular em Lisboa, é o diretor artístico dos Forced Entertainment.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Leonor Guerra estagiária

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Teixeira estagiária

Inês Raimundo estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
